

BILL BRYSON

Em casa

Uma breve história da vida doméstica

Tradução

Isa Mara Lando



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Bill Bryson

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

At home: a short history of private life

Capa

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio

Preparação

Maria Fernanda Alvares

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen S. da Costa

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bryson, Bill

Em casa : uma breve história da vida doméstica / Bill Bryson ;
tradução Isa Mara Lando. — São Paulo : Companhia das Letras,
2011.

Título original: At home : a short history of private life.

ISBN 978-85-359-1947-9

1. Aposentos – Aspectos ambientais 2. Aposentos – Aspectos
psicológicos 3. Habitações – Aspectos ambientais 4. Habitações –
Aspectos psicológicos 1. Título.

11-08452

CDD-643.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Habitações : Vida privada : Vida doméstica 643.1

2. Moradias : Vida privada : Vida doméstica 643.1

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução	15
1. Aquele ano	21
2. O ambiente	43
3. O vestíbulo	60
4. A cozinha	83
5. A área de serviço e a despensa	104
6. A caixa de fusíveis	130
7. A sala de estar	155
8. A sala de jantar	184
9. O porão	212
10. O corredor	234
11. O estúdio	260
12. O jardim	278
13. A sala cor de ameixa	310
14. A escada	333
15. O quarto de dormir	345
16. O banheiro	369
17. O quarto de vestir	399

18. O quarto das crianças	429
19. O sótão	459
 Bibliografia	 481
Agradecimentos	501
Lista de ilustrações	502
Índice remissivo	505

1. Aquele ano

I

No outono de 1850, no Hyde Park de Londres, surgiu um edifício extraordinário: uma gigantesca estrutura de ferro e vidro cobrindo mais de sete hectares de terreno, com um vasto espaço interior onde caberiam quatro igrejas do tamanho da catedral de Saint Paul. Durante sua breve existência, foi o maior edifício do mundo. Conhecido oficialmente como Palácio da Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações, era decerto magnífico; porém mais ainda por ser tão repentino, tão surpreendente por ser todo de vidro, tão gloriosa e inesperadamente *real*. Douglas Jerrold, colunista da revista semanal *Punch*, apelidou-o de Palácio de Cristal, e o nome pegou.

Sua construção levava apenas cinco meses. O simples fato de ter sido construído já fora um milagre — menos de um ano antes ele não existia nem sequer como ideia. A exposição para a qual fora concebido foi o sonho de um funcionário público chamado Henry Cole, cujo outro feito histórico foi inventar o cartão de Natal (para incentivar as pessoas a usarem o novo selo de um *penny*). Em 1849 Cole visitou a Exposição de Paris — um evento relativamente provinciano, limitado a fabricantes franceses — e se apaixonou pela ideia de tentar algo semelhante na Inglaterra, porém mais grandioso. Conseguiu que

muitas pessoas ilustres, inclusive o príncipe Albert, se entusiasmassem com a ideia de uma Grande Exposição, e em 11 de janeiro de 1850 foi realizada a primeira reunião, visando inaugurá-la em 1º de maio do ano seguinte. Isso lhes daria menos de quinze meses para projetar e construir o maior edifício jamais imaginado, atrair e instalar dezenas de milhares de estandes vindos de todas as partes do globo, equipar restaurantes e banheiros, contratar pessoal, conseguir seguros e proteção policial, imprimir panfletos e mais um milhão de coisas, em um país que ainda nem estava convencido de que desejava uma produção tão cara e complicada. Era claro que se tratava de uma ambição inatingível, e nos meses seguintes ficou evidente que eles não conseguiram alcançá-la. Em um concurso público foram apresentados 245 projetos para o edifício da exposição. Todos foram rejeitados como impraticáveis.

Temendo um desastre, a comissão fez o que às vezes fazem as comissões em circunstâncias desesperadoras: encomendou outra comissão, com um título melhor. O Comitê da Edificação da Real Comissão para a Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações se compunha de quatro homens — Matthew Digby Wyatt, Owen Jones, Charles Wild e o grande engenheiro Isambard Kingdom Brunel —, e recebeu uma única instrução: apresentar um projeto digno da maior exposição da história, a ser iniciada em dez meses, dentro de um orçamento limitado e já reduzido. Dos quatro membros da comissão, apenas o jovem Wyatt era arquiteto formado, e na prática ainda não havia construído nada; nessa fase da carreira, ganhava a vida como escritor. Wild era um engenheiro com experiência quase exclusiva com barcos e pontes. Jones era decorador. Apenas Brunel tinha experiência com projetos de grande escala. Era, sem dúvida, um gênio, mas um gênio irritante, pois quase sempre eram necessárias quantidades épicas de tempo e dinheiro para encontrar a interseção entre suas visões grandiosas e a realidade viável.

A estrutura concebida pelos quatro homens era espantosa, e nada feliz: uma espécie de enorme galpão, baixo e escuro, prenhe de melancolia, de espírito tão vivaz e animado como um matadouro. Parecia algo concebido às pressas por quatro pessoas trabalhando separadamente. O custo mal podia ser calculado, mas de qualquer forma aquilo parecia irrealizável. A construção exigiria 30 milhões de tijolos, e ninguém garantia que essa quantidade pudesse ser adquirida, muito menos assentada, no prazo. O conjunto seria coroado pela contribuição de Brunel: uma cúpula de ferro de sessenta metros de diâmetro — uma

estrutura notável, sem dúvida, mas bastante estranha em um edifício térreo. Ninguém jamais construía algo tão maciço feito de ferro; e Brunel não podia, naturalmente, começar a experimentar e içar peças sem que antes houvesse um edifício embaixo. E tudo isso tinha que ser realizado e concluído em dez meses, para um projeto destinado a existir por menos de meio ano. Quem iria desmontar tudo aquilo depois, e o que seria feito da sua poderosa cúpula e dos seus milhões de tijolos? Eram perguntas incômodas demais para enfrentar.

Nessa crise que se desenrolava entrou a figura calma de Joseph Paxton, jardineiro-chefe de Chatsworth House, a mansão principal do duque de Devonshire (mas localizada, à peculiar maneira inglesa, em Derbyshire). Paxton era um assombro. Nascido em 1803 em Bedfordshire, filho de uma família rural pobre, aos catorze anos foi mandado para trabalhar como aprendiz de jardineiro, mas distinguiu-se de tal maneira que em seis anos estava dirigindo um arboreto experimental na nova e prestigiosa Horticultural Society (que logo se tornaria a Royal Horticultural Society), no oeste de Londres — cargo de responsabilidade surpreendente para alguém que ainda era apenas um rapazola. Certo dia ele teve uma conversa com o duque de Devonshire, que possuía a vizinha Chiswick House e mais uma grande parte das Ilhas Britânicas — cerca de 80 mil hectares de terras produtivas estendendo-se ao pé de sete grandes mansões senhoriais. O duque gostou de Paxton de imediato, não tanto porque este demonstrasse qualquer talento especial mas, ao que consta, porque falava com voz forte e clara. O duque ouvia mal e apreciava a clareza da fala. Em um impulso, convidou Paxton para ser jardineiro-chefe de Chatsworth, e Paxton aceitou. Tinha 22 anos de idade.

Foi a iniciativa mais sábia jamais tomada por um aristocrata. Paxton mergulhou no trabalho com uma energia e dedicação que a todos deslumbrava. Projetou e instalou a famosa Fonte do Imperador, que lançava um jato de água a oitenta metros no ar — proeza de engenharia hidráulica que até hoje só foi superada uma vez na Europa; construiu o maior jardim de pedras ornamentais do país; projetou um novo bairro residencial na propriedade; tornou-se o maior especialista mundial em dalias; ganhou prêmios por produzir os melhores melões, figos, pêssegos e nectarinas do país; e criou uma enorme estufa tropical, conhecida como “Grande Fogão”, que cobria 4 mil metros quadrados de terreno e era tão espaçosa que em 1843, durante uma visita, a rainha Vitória excursionou dentro dela em uma carruagem com cavalos. Melhorando a ad-

ministração das propriedades, eliminou dívidas do duque num total de 1 milhão de libras esterlinas. Com as bênçãos do duque, lançou e dirigiu duas revistas de jardinagem e um jornal diário nacional, o *Daily News*, que durante um breve período foi editado por Charles Dickens. Escreveu livros sobre jardinagem; investiu tão sabiamente em ações de empresas ferroviárias que foi convidado para o conselho de três delas; e, em Birkenhead, perto de Liverpool, projetou e construiu o primeiro parque municipal do mundo. O parque encantou de tal maneira o americano Frederick Law Olmsted que este o tomou como modelo para construir o Central Park em Nova York. Em 1849, o botânico-chefe do jardim botânico Kew Gardens enviou a Paxton um raro espécime de lírio atacado de doença, perguntando se ele poderia salvá-lo. Paxton projetou uma estufa especial e — você não ficará surpreso ao saber — em três meses o lírio entrou em floração.

Quando soube que os responsáveis pela Grande Exposição estavam com dificuldades para encontrar um projeto para o salão, ocorreu-lhe que algo como a sua estufa poderia dar certo. Enquanto presidia uma reunião de um comitê da ferrovia Midland, rabiscou um esboço em um pedaço de mata-borrão e em duas semanas completou os desenhos prontos para apresentação. O projeto infringia todas as regras da concorrência pública. Foi apresentado após a data de encerramento; e, apesar de todo o seu vidro e ferro, incorporava muitos materiais combustíveis, como milhares de metros quadrados de pisos de madeira, estritamente proibidos pelas regras. Os consultores arquitetônicos observaram, não sem razão, que Paxton não era arquiteto e nunca tinha tentado nada nessa escala. Nem ele nem ninguém, é claro. Por essa razão, ninguém podia afirmar com total confiança que o projeto daria certo. Muitos temiam que o edifício ficaria insuportavelmente quente com o sol e a multidão de visitantes. Outros temiam que as barras de ferro fossem expandir-se no calor do verão e os gigantescos painéis de vidro se soltariam, silenciosamente, despencando sobre os visitantes lá embaixo. A preocupação mais profunda era com que todo o edifício, de aparência tão frágil, seria simplesmente derrubado por uma tempestade.

Assim, os riscos eram consideráveis e agudamente sentidos; mas, depois de alguns poucos dias de hesitação e impaciência, a comissão aprovou o plano de Paxton. Não há nada — absolutamente nada — mais revelador sobre a Inglaterra vitoriana e o seu ocasional brilho do que o fato de o edifício mais

ousado e mais emblemático do século ter sido confiado a um jardineiro. O Palácio de Cristal de Paxton não necessitava de tijolo algum — tampouco de cimento, argamassa ou alicerces. Foi apenas montado, aparafusando-se as peças, e assentado no solo como uma tenda. Mais que uma solução engenhosa para um desafio monumental, era uma mudança radical a partir de qualquer coisa já tentada.

A virtude básica do arejado palácio de Paxton era ser pré-fabricado a partir de peças padronizadas. Sua peça-chave era um único componente: uma treliça de vigas de ferro fundido, com sete metros de comprimento e noventa centímetros de largura, que podia ser montada com outras treliças correspondentes, formando uma armação na qual se encaixavam os painéis de vidro — mais de 90 mil metros quadrados de painéis, ou seja, um terço de todo o vidro normalmente produzido na Grã-Bretanha em um ano. Foi projetada uma plataforma móvel especial que se movia ao longo dos suportes do teto, permitindo que os operários instalassem 18 mil painéis de vidro por semana — uma produtividade que era, e ainda é, uma maravilha de eficiência. Para dar conta da enorme quantidade de calhas necessárias — cerca de trinta quilômetros ao todo —, Paxton projetou uma máquina, operada por uma pequena equipe, capaz de instalar seiscentos metros de calhas por dia — quantidade que normalmente exigiria um dia de trabalho de trezentos homens. Em todos os sentidos, o projeto era uma maravilha.

Paxton teve muita sorte, pois justamente na época da Grande Exposição o vidro de repente se tornou bastante disponível, como nunca acontecera. O vidro sempre fora um material complicado. Não era fácil de fazer, e muito difícil de fabricar com boa qualidade; por isso, em grande parte da sua história foi artigo de luxo. Felizmente, dois recentes avanços tecnológicos mudaram a situação. Em primeiro lugar, os franceses inventaram a chapa de vidro — assim chamada porque o vidro derretido era espalhado em cima de chapas. Isso permitiu, pela primeira vez, a criação de grandes painéis de vidro, possibilitando o surgimento das vitrines. Os painéis, porém, tinham que ser resfriados por dez dias depois de fabricados, e assim cada chapa de apoio ficava sem uso a maior parte do tempo; depois disso o vidro tinha que ser lixado e polido. Isso tudo, naturalmente, encarecia o produto. Em 1838 foi desenvolvido um refinamento mais barato — a placa de vidro. Esta tinha a maioria das virtudes das chapas, mas esfriava mais depressa e exigia menos polimento, barateando a

produção. De repente, placas de vidro de bom tamanho podiam ser produzidas economicamente, em volumes ilimitados.

Aliada a isso veio a oportuna abolição dos dois antigos impostos: o imposto sobre as janelas e o imposto sobre o vidro (a rigor, um imposto sobre artigos de luxo). O imposto sobre as janelas datava de 1696 e era tão pesado que as pessoas realmente evitavam ao máximo colocar janelas nos edifícios. As aberturas de janelas tapadas com tijolos, tão características de muitas construções antigas e que ainda vemos na Grã-Bretanha de hoje, com frequência eram pintadas para parecerem janelas. (De certa forma, é pena que não sejam mais.) A população se ressentia extremamente do chamado “imposto sobre o ar e a luz”, que condenava muitos criados e outros de poucos meios a viver em aposentos abafados e escuros.

O segundo imposto, introduzido em 1746, não se baseava no número de janelas, mas no peso do vidro que as compunha, de modo que durante todo o período georgiano se fabricou vidro fino e quebradiço, e os batentes das janelas tinham que ser mais resistentes para compensar. As conhecidas vidraças olho de boi também entraram na moda nesse momento. São consequência da fabricação do chamado vidro “coroa” (assim chamado por ser ligeiramente convexo, ou em forma de coroa). O olho de boi marcava o lugar da placa de vidro onde o artesão tinha fixado o pontil — o tubo metálico por onde se sopra o vidro. Como essa parte do vidro ficava danificada, escapava do imposto; e assim se tornou atraente como material econômico. As vidraças olho de boi se tornaram populares em pousadas e estabelecimentos menos nobres, e também na traseira das residências, onde não se exigia qualidade. Esse imposto foi abolido em 1845, pouco antes do seu centésimo aniversário; e logo se seguiu a abolição do imposto sobre o vidro — por uma feliz casualidade, em 1851. Justo no momento em que Paxton precisava de mais vidro do que jamais fora necessário, o preço caiu a menos da metade. Isso, somado às mudanças tecnológicas que aceleravam a produção, foi o impulso que possibilitou a construção do Palácio de Cristal.

Quando terminado, o edifício tinha exatamente 1851 pés de comprimento (em comemoração ao ano), ou seja, 564 metros; 124 metros de largura e quase 33 metros de altura ao longo da sua espinha dorsal central. Sua altura lhe permitia abrigar uma admirada alameda de olmos, que do contrário teriam que ser derrubados. Devido ao seu tamanho, a estrutura exigiu uma quanti-

dade enorme de materiais: 293 655 painéis de vidro, 33 mil treliças de ferro e milhares de metros quadrados de pisos de madeira; contudo, graças aos métodos de Paxton, o custo final foi extremamente modesto: apenas 80 mil libras. Do início ao fim, a construção levou menos de 35 semanas. A catedral de Saint Paul necessitara de 35 anos.

A três quilômetros dali, o novo Parlamento já estava em construção havia uma década, ainda longe de ser terminado. Um escritor da *Punch* sugeriu, meio brincando, meio a sério, que o governo encomendasse a Paxton o projeto de um “Parlamento de Cristal”. Surgiu um clichê para qualquer problema que parecesse insolúvel: “Pergunte ao Paxton”.

O Palácio de Cristal era ao mesmo tempo o maior edifício do mundo e o mais leve, o mais etéreo. Hoje estamos acostumados a encontrar grandes quantidades de vidro, mas para alguém que vivia em 1851 a ideia de passear dentro de um enorme espaço, iluminado e arejado, *dentro* de um edifício, devia ser deslumbrante — até vertiginosa. A imagem que os visitantes tinham ao ver de longe o Pavilhão de Exposições, todo transparente, a brilhar, vai além de nossa imaginação. Pareceria tão delicado e evanescente, tão implausível e miraculoso como uma bolha de sabão. Para quem chegasse ao Hyde Park, a primeira visão do Palácio de Cristal flutuando acima das árvores, faiscando ao sol, seria um momento de esplendor, de deixar qualquer um de pernas bambas.

II

Enquanto o Palácio de Cristal se elevava em Londres, 170 quilômetros ao nordeste, ao lado de uma antiga igreja do interior, sob o vasto céu de Norfolk, uma construção bem mais modesta foi erigida em 1851, em uma aldeia perto de Wymondham, cidade conhecida por seu mercado: um presbitério amplo e meio desconexo, sob um telhado irregular, com empenas tapadas por tábuas e chaminés em estilo mais ou menos gótico. “Uma casa de bom tamanho e bastante confortável à sua maneira — firme, feia e respeitável”, como disse Margaret Oliphant, prolífica romancista vitoriana imensamente popular, ao descrever esse tipo de construção em seu romance *The curate in charge* [O clérigo em seu posto].

Esse é o edifício ao qual vamos nos referir nas próximas páginas. Foi projetado por certo Edward Tull de Aylsham, um arquiteto desprovido de qual-

quer talento convencional, como veremos, como moradia de um jovem clérigo de boa família chamado Thomas J. G. Marsham. Aos 29 anos, Marsham era beneficiário de um sistema que lhe proporcionava, assim como a outros como ele, uma vida muito boa, exigindo pouca coisa em troca.

Em 1851, quando começa a nossa história, havia 17 621 clérigos anglicanos e um reitor de aldeia, tendo apenas umas 250 almas sob seus cuidados, que desfrutavam de uma renda anual média de cinquenta libras — o mesmo que um alto funcionário como Henry Cole, o criador da ideia da Grande Exposição. A igreja se tornou uma das duas únicas profissões de praxe para os filhos mais novos dos aristocratas e da pequena nobreza (a outra era a carreira militar); assim, muitas vezes eles também traziam para o cargo a riqueza da família. Muitos obtinham mais uma renda substancial arrendando as glebas ou terras agrícolas que recebiam com o cargo. Até os clérigos menos privilegiados em geral estavam bem de vida. Jane Austen foi criada em uma casa paroquial em Steventon, Hampshire, que ela considerava vergonhosamente precária, mas tinha cozinha, sala de estar, sala de visitas, biblioteca e sete quartos — não se poderia considerar uma residência pobre. As melhores condições de vida ficavam em Doddington, Cambridgeshire, que tinha 15 mil hectares de terra e gerava uma renda anual de 7300 libras — digamos, 5 milhões de libras em moeda atual — para o homem de sorte com o cargo de pároco, até que a propriedade foi desmembrada, em 1865.*

Os clérigos da Igreja Anglicana eram de dois tipos: vigários e reitores. A diferença eclesiástica era pequena, mas a econômica era vasta. Historicamente, os vigários substituíam os reitores (a palavra é relacionada com *vicário*, ou substituto), mas na época de Marsham essa distinção já havia quase desaparecido. O pároco (em inglês *parson*, que vem de *ecclesiae persona*, “pessoa da igreja”) podia ser chamado de vigário ou de reitor, sobretudo em função da tradição local. Havia, porém, uma persistente diferença de renda.

* Comparar valores de 1851 com os de hoje não é simples, pois se pode calcular usando muitas medidas diferentes, e coisas que hoje são caras (terras, criados domésticos) podiam ser relativamente baratas na época, e vice-versa. Agradeço ao professor Randal Michie, da Universidade de Durham, por sugerir que a medida mais exata seria uma comparação dos índices de preço no varejo entre 1851 e o presente. Por esse cálculo, as quinhentas libras anuais do sr. Marsham valeriam cerca de 400 mil libras (ou 630 mil dólares) em dinheiro de hoje. A renda anual per capita na Grã-Bretanha em 1851 era de pouco mais de vinte libras.

O salário de um clérigo não vinha da Igreja, mas sim de aluguéis e dízimos. Os dízimos eram de dois tipos: os grandes, provindos de plantações importantes como trigo e cevada, e os pequenos, vindos de hortas, bolotas de carvalho para cevar porcos, forragem e outros alimentos ocasionais. Como os reitores recebiam os grandes dízimos e os vigários os pequenos, os reitores eram mais ricos — por vezes consideravelmente. Os dízimos eram um motivo constante de tensão entre a Igreja e os agricultores, e em 1836, um ano antes de a rainha Vitória subir ao trono, decidiu-se simplificar as coisas. Dali em diante, em vez de dar aos clérigos locais uma parcela da colheita, o agricultor teria de lhe pagar um montante fixo anual, com base no valor geral da terra. Isso significava que o clero tinha direito à cota que lhe era atribuída, mesmo quando os fazendeiros tinham um ano ruim — ou seja, para os clérigos só havia anos bons.

O papel de um clérigo do interior era notavelmente vago. Não se exigia, nem sequer se esperava, religiosidade. Para se ordenar na Igreja Anglicana era preciso um diploma universitário, mas os ministros em geral estudavam os autores clássicos e não tinham nenhuma formação em teologia; assim, não eram treinados para pregar sermões, oferecer inspiração, consolo ou outros tipos de apoio do cristianismo. Muitos nem se davam ao trabalho de escrever sermões; compravam um volumoso livro de sermões já preparados e liam em voz alta um por semana ao subir ao púlpito.

Embora ninguém tivesse essa intenção, o efeito foi criar uma classe de gente rica e bem-educada, com muito tempo livre para gastar. Em consequência, muitos começaram, espontaneamente, a fazer coisas notáveis. Nunca na história um grupo de pessoas se envolveu em uma variedade tão ampla de atividades meritórias nas quais não estava formalmente empregado.

Considere alguns exemplos.

George Bayldon, vigário de uma área remota da região de Yorkshire, tinha tão poucos fiéis em seus serviços que converteu metade da sua igreja em galinheiro, mas como autodidata tornou-se uma autoridade em linguística e compilou o primeiro dicionário de islandês. Não muito longe, Laurence Sterne, vigário de uma paróquia perto de York, escreveu romances populares, o mais lembrado dos quais é *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*. Edmund Cartwright, reitor de uma paróquia rural em Leicestershire, inventou o tear mecânico, que na verdade tornou a Revolução Industrial realmente indus-

trial; na época da Grande Exposição, mais de 250 mil de seus teares estavam em uso apenas na Inglaterra.

Em Devon, o reverendo Jack Russell criou a raça de cães terrier, que leva o seu nome, enquanto em Oxford o reverendo William Buckland escreveu a primeira descrição científica dos dinossauros e, não por acaso, tornou-se a maior autoridade mundial em coprólitos — fezes fossilizadas. Thomas Robert Malthus, em Surrey, escreveu o *Ensaio sobre o princípio da população* (que, como você deve se lembrar dos dias de colégio, sugeria que o aumento da produção de alimentos nunca poderia acompanhar o crescimento da população, por razões matemáticas), fundando assim a disciplina de economia política. O reverendo William Greenwell, de Durham, foi um dos fundadores da arqueologia moderna, embora seja mais lembrado entre os pescadores como o inventor da “Glória de Greenwell”, a mais amada das iscas para trutas.

Em Dorset, um reverendo com o aristocrático nome de Octavius Pickard-Cambridge tornou-se a maior autoridade mundial em aranhas, enquanto seu contemporâneo, o reverendo William Shepherd, escreveu uma história das piadas sujas. John Clayton, de Yorkshire, deu a primeira demonstração prática da iluminação a gás. O reverendo George Garrett, de Manchester, inventou o submarino.* Adam Buddle, vigário de Essex e botanista, foi a inspiração para a flor homônima, a *buddleia*. John Mackenzie Bacon, de Berkshire, foi pioneiro dos balões de ar quente e pai da fotografia aérea. O reverendo Sabine Baring-Gould escreveu o hino “Avante, soldados de Cristo” e, surpreendentemente, o primeiro livro a apresentar um lobisomem. O reverendo Robert Stephen Hawker, da Cornualha, escreveu poesia de bom nível e era muito admirado por Longfellow e Tennyson, embora alarmasse um pouco seus paroquianos por usar na cabeça um fez cor-de-rosa e passar grande parte da vida sob a influência poderosa e serena do ópio.

Gilbert White, em Western Weald, Hampshire, tornou-se o naturalista mais apreciado da sua época e escreveu a luminosa e ainda muito querida *Na-*

* A embarcação se chamava *Resurgam*, que em latim significa “voltarei a subir”, um nome bastante desafortunado, já que afundou em uma tempestade no mar da Irlanda três meses após seu lançamento, em 1878, e nunca voltou a subir. Aliás, nem tampouco Garrett. Desanimado com suas experiências, desistiu dos sermões e dos inventos e mudou-se para a Flórida, onde entrou na agricultura. Essa atividade também foi um desastre, e ele terminou a vida, em implacável decepção e decadência, como soldado raso na Guerra Hispano-Americana, acabando por morrer de tuberculose em Nova York em 1902, pobre e esquecido.

tural history of Selborne [História natural de Selborne]. Em Northamptonshire, o reverendo M. J. Berkeley tornou-se a maior autoridade em fungos e doenças de plantas; mas, numa virada menos feliz, parece ter sido responsável pela disseminação de muitas doenças prejudiciais, inclusive a mais perniciosa das pragas horticolas, o míldio. John Michell, reitor em Derbyshire, ensinou a William Herschel como construir um telescópio, que Herschel depois usou para descobrir Urano. Michell também desenvolveu um método para pesar a Terra, talvez o mais engenhoso experimento científico prático de todo o século XVIII. Morreu antes que pudesse ser realizado o experimento, o qual por fim foi concluído em Londres por Henry Cavendish, um homem brilhante, parente do empregador de Paxton, o duque de Devonshire.

Talvez o clérigo mais extraordinário de todos tenha sido o reverendo Thomas Bayes, de Tunbridge Wells, em Kent, que viveu de 1701 a 1761. Segundo todos os relatos, como pregador era tímido e sem talento algum, mas foi um brilhante matemático. Em algum momento — não se sabe bem quando — ele inventou a equação matemática que ficou conhecida como teorema de Bayes, e que é a seguinte:

$$p(\theta|y) = \frac{p(\theta)p(y|\theta)}{\int p(\eta)p(y|\eta)d\eta}$$

Os que compreendem essa fórmula podem usá-la para calcular vários problemas extremamente complexos sobre a distribuição das probabilidades — ou probabilidades inversas, como também são chamadas. É uma maneira de chegar a probabilidades estatísticas confiáveis com base em informações parciais. O mais marcante no teorema de Bayes é que não tinha nenhuma aplicação prática na sua época. É preciso ter computadores poderosos para dar conta do volume de cálculos necessários para resolver qualquer problema do tipo; portanto, na época de Bayes, foi apenas um exercício interessante, mas basicamente inútil. Bayes dava tão pouca importância ao seu teorema que evidentemente nem se preocupou em divulgá-lo. Um amigo o enviou para a Royal Society de Londres em 1763, dois anos após a morte de Bayes, onde foi publicado na *Philosophical Transactions* da associação com o modesto título

de “An essay towards solving a problem in the doctrine of chances” [Uma tentativa de resolver um problema na doutrina das probabilidades]. Na verdade, foi um marco grandioso na história da matemática. Hoje o teorema de Bayes é crucial para os modelos de mudanças climáticas, a interpretação da datação de radiocarbono, e ainda na astrofísica, na análise de mercado de ações, na previsão do tempo, na definição de políticas sociais e onde quer que entrem as probabilidades — e tudo por causa das anotações de um pensativo clérigo inglês do século XVIII.

Muitos clérigos não produziram grandes obras, mas sim grandes filhos. John Dryden, Christopher Wren, Robert Hooke, Thomas Hobbes, Oliver Goldsmith, Jane Austen, Joshua Reynolds, Samuel Taylor Coleridge, Horatio Nelson, as irmãs Brontë, Alfred Lord Tennyson, Cecil Rhodes, Lewis Carroll (que também se ordenou, mesmo sem nunca praticar o sacerdócio) — todos eles foram filhos de párocos. Pode-se perceber a influência desproporcional dos clérigos britânicos fazendo-se uma busca por palavra na versão eletrônica do *Dictionary of national biography*. Digite “reitor” e você encontrará cerca de 4600 verbetes; “vigário” gera mais 3300. Compare-se com resultados decididamente mais modestos, como 338 para “físico”, 492 para “economista”, 639 para “inventor” e 741 para “cientista”. (É interessante notar que esses últimos verbetes não são muito mais numerosos do que os que obtemos digitando “namorador”, “assassino” ou “louco”, e ficam muito atrás de “excêntrico”, com 1010 verbetes.)

Houve tantos homens distintos entre os clérigos que é fácil esquecer que esses eram, na verdade, exceções; a maioria se parecia mais com o nosso sr. Marsham, que, se teve alguma realização ou mesmo ambição, delas não deixou vestígio algum. Sua única ligação com a fama vem do fato de que seu bisavô, Robert Marsham, foi o inventor da fenologia, a ciência (se não for demais chamá-la assim) de acompanhar as mudanças das estações — os primeiros brotos nas árvores, o primeiro cuco da primavera, e assim por diante. Poderíamos pensar que isso é algo que as pessoas fariam de qualquer maneira, espontaneamente; mas na verdade ninguém o tinha feito ainda de forma sistemática, e sob a influência de Marsham tornou-se um passatempo extremamente popular e respeitado no mundo todo. Nos Estados Unidos, Thomas Jefferson foi um devoto seguidor. Mesmo quando era presidente, encontrou tempo para anotar

a primeira e a última aparição de 37 tipos de frutas e verduras nos mercados de Washington, e mandava um funcionário fazer observações semelhantes em sua residência, em Monticello, para verificar se as datas mostravam diferenças climatológicas significativas entre os dois lugares. Quando os climatologistas modernos dizem que as flores das macieiras estão surgindo três semanas antes do que ocorria antigamente, e coisas do gênero, muitas vezes sua fonte de informações são os registros de Robert Marsham. Esse Marsham também foi um dos mais ricos proprietários de terras de East Anglia, com uma grande propriedade na aldeia que tem o curioso nome de Stratton Strawless, perto de Norwich. Ali nasceu Thomas John Gordon Marsham, em 1821, e ali passou a maior parte da vida antes de viajar cerca de vinte quilômetros para ocupar o cargo de reitor na nossa aldeia.

Não sabemos quase nada sobre a vida que Marsham levou ali; mas, casualmente, sabemos muito sobre a vida cotidiana dos párocos de aldeia, nessa época do seu esplendor, graças às dedicadas anotações de um deles, que viveu na paróquia vizinha de Weston Longville, oito quilômetros ao norte pelos campos (e ainda visível do telhado da nossa casa). Seu nome era reverendo James Woodforde, e precedeu a Marsham cinquenta anos; mas a vida não deve ter mudado muito nesse ínterim. Woodforde não era especialmente dedicado, instruído ou talentoso, mas gostava de viver e durante 45 anos manteve um animado diário, que nos fornece uma visão excepcionalmente detalhada da vida de um clérigo de aldeia. Esquecido por duzentos anos, foi redescoberto e publicado em forma condensada em 1924 como *The diary of a country parson* [Diário de um pároco do interior]. Tornou-se um best-seller internacional, embora fosse, como notou um crítico, “pouco mais do que uma crônica da gula”.

A quantidade de comida posta nas mesas do século XVIII era espantosa, e Woodforde raramente fazia uma refeição sem registrá-la com amor, e na íntegra. Eis aqui os pratos que lhe serviram em um jantar típico em 1784: linguado ao molho de lagosta, galetó, língua de boi, rosbife, sopa, filé de vitela com cogumelos e trufas, torta de pombo, miúdos de carneiro, ganso com ervilhas, geleia de damasco, torta de queijo, compota de cogumelos e pudim de frutas. Em outra refeição, podia escolher entre os seguintes pratos: carpa, presunto, três tipos de galinha, dois patos assados, pescoço de porco, pudim e torta de ameixa, torta de maçã e diversas frutas e nozes, tudo bem regado com vinhos

tintos e brancos, cerveja e cidra. Para ele, nada atrapalhava uma boa refeição. Quando sua irmã morreu, Woodforde registrou sua sincera tristeza no diário, mas também achou espaço para anotar: “O jantar de hoje foi um ótimo peru assado”. Tampouco interferia qualquer coisa do mundo exterior. A Guerra da Independência americana quase não é citada. A Queda da Bastilha, em 1789, foi mencionada, mas ele dedicou mais espaço para o que lhe serviram no café da manhã. É bem apropriado que a anotação final do seu diário seja o registro de uma refeição.

Woodforde era um ser humano bastante decente — mandava comida aos pobres de vez em quando e levava uma vida de virtude irrepreensível. Mas em todos os anos registrados em seu diário não há nenhuma indicação de que jamais tenha dedicado um momento para compor um sermão, ou que tenha sentido qualquer apego a seus paroquianos, além da alegria de acompanhá-los em um jantar sempre que o convidavam. Se ele não representa uma vida típica, decerto representa uma vida possível.

Quanto a saber onde o sr. Marsham se encaixa em tudo isso, não há como dizer. Se era seu objetivo na vida causar um mínimo de impressão na história humana, ele o atingiu gloriosamente. Em 1851, tinha 29 anos de idade e era solteiro — condição que manteve por toda a vida. Sua governanta, uma mulher com o nome incomum de Elizabeth Worm, ficou com ele durante quarenta anos, até morrer, em 1899; assim, parece que ela, pelo menos, achava a sua companhia agradável; mas se alguém mais também achava, ou não, isso não se pode saber.

Há, no entanto, uma pista pequena e animadora. No último domingo de março de 1851, a Igreja Anglicana realizou uma pesquisa nacional para ver quantas pessoas realmente tinham ido à igreja naquele dia. Os resultados foram chocantes. Mais da metade das pessoas na Inglaterra e no País de Gales não tinha ido à igreja, e apenas 20% tinham assistido a um serviço anglicano. Por mais engenhosos que fossem para criar teoremas matemáticos ou compilar dicionários do idioma islandês, é bem claro que os clérigos já não eram tão importantes para as suas comunidades como já tinham sido. Felizmente, ainda não havia sinal disso na paróquia do sr. Marsham. Os dados do censo mostram que 79 fiéis assistiram ao seu serviço naquela manhã de domingo e 86 vieram à tarde. Isso representava quase 70% dos seus paroquianos — um resultado muito melhor do que a média nacional. Assumindo que fosse um do-

mingo típico para ele, então o nosso sr. Marsham, ao que parece, era um homem bem considerado.

III

No mesmo mês que a Igreja Anglicana fez essa pesquisa de frequência, a Grã-Bretanha fez seu censo nacional, realizado a cada dez anos, computando a população nacional precisamente em 20 959 477 pessoas. Era apenas 1,6% do total mundial, mas podemos dizer com segurança que em parte alguma havia uma fração mais rica e produtiva da humanidade. Esse 1,6% produzia a metade do carvão e do ferro do mundo todo, controlava quase dois terços da marinha mercante e participava de um terço de todo o comércio mundial. Praticamente todo o tecido de algodão do mundo era produzido nas fábricas britânicas, em máquinas inventadas e construídas na Grã-Bretanha. Os bancos de Londres tinham mais dinheiro depositado do que todos os outros centros financeiros do mundo combinados. Londres era o centro de um império imenso e sempre crescente, que em seu auge haveria de abranger 30 milhões de quilômetros quadrados, fazendo de “God save the queen” [Deus salve a rainha] o hino nacional de um quarto da população mundial. A Grã-Bretanha liderava o mundo em quase todas as categorias mensuráveis. Era o país mais rico, mais inovador, mais realizador da época — um país onde até um jardineiro podia elevar-se a uma situação de grandeza.

De repente, pela primeira vez na história, existiam os mais variados objetos, em grande quantidade, na vida da maioria das pessoas. Karl Marx, vivendo em Londres, observou em tom de espanto e admiração que na Grã-Bretanha era possível comprar quinhentos tipos diferentes de martelos. Havia atividade por toda parte. Os londrinos de hoje vivem em uma grandiosa cidade vitoriana; os vitorianos viviam passando através dela, por assim dizer. Em doze anos foram inauguradas na cidade oito estações ferroviárias. Pense na escala do transtorno — valetas, túneis, escavações lamacentas, o congestionamento de carroças e outros veículos, a fumaça, o barulho, a desorganização — resultante de encher a cidade com vias férreas, pontes, esgotos, estações de bombeamento, centrais elétricas, linhas de metrô e tudo o mais. A Londres vitoriana não

era apenas a maior cidade do mundo, mas a mais suja, a mais ruidosa, a mais enlameada, movimentada, fumacenta e esburacada que o mundo já vira.

O censo de 1851 também mostrou que na Grã-Bretanha mais pessoas viviam nas cidades do que no campo — pela primeira vez na história humana —, e a consequência mais visível disso eram multidões em uma escala nunca vista. As pessoas agora trabalhavam em massa, viajavam em massa, eram educadas, presas e hospitalizadas em massa. Quando saíam para se divertir, saíam em massa, e em parte alguma iam com tanto entusiasmo e arrebatamento como ao Palácio de Cristal.

Se o edifício em si já era assombroso, as maravilhas em seu interior não eram menos. Havia quase 100 mil objetos expostos, distribuídos em cerca de 14 mil estandes. Entre as novidades havia uma faca com 1851 lâminas, móveis esculpidos em grandes blocos de carvão (apenas para mostrar que isso podia ser feito), um piano de quatro lados para quartetos em família, uma cama que se transformava em bote salva-vidas, outra que jogava, automaticamente, seu assustado ocupante em uma banheira cheia de água; engenhocas voadoras de todo tipo (apesar de não funcionarem), instrumentos para sangria, o maior espelho do mundo, um pedaço enorme de guano do Peru, os famosos diamantes Esperança e Koh-i-Noor,* uma maquete de uma ponte pênsil que uniria a Grã-Bretanha à França, e intermináveis mostras de maquinaria, têxteis e manufaturas de todo tipo, vindas do mundo inteiro. O *Times* calculou que seriam necessárias duzentas horas para ver tudo.

Nem todos os estandes eram igualmente fascinantes. Newfoundland dedicou toda a área da sua mostra à história e à fabricação de óleo de fígado de bacalhau, e assim se tornou um oásis de tranquilidade, muito apreciado pelos que procuravam alívio para o empurra-empurra da multidão. A mostra dos Estados Unidos escapou por pouco de ficar vazia. O Congresso americano, em clima de parcimônia, se recusou a financiá-la, e foi preciso levantar verbas com doadores privados. Infelizmente, quando os produtos americanos chegaram a

* O Koh-i-Noor se tornara uma das Joias da Coroa britânica dois anos antes, depois de ser liberado (ou saqueado, dependendo da sua perspectiva) pelo Exército britânico durante a conquista do Punjab, na Índia. A maioria das pessoas considerou o Koh-i-Noor uma decepção. Apesar de enorme, com quase duzentos quilates, fora mal lapidado e era muito deficiente em brilho. Depois da exposição, foi corajosamente reduzido para 109 quilates, tornando-se muito mais brilhante, e engastado na coroa real.

Londres, constatou-se que os organizadores haviam pago apenas o suficiente para levá-los até o cais do porto, e não até o Hyde Park. Nem fora alocada nenhuma verba, evidentemente, para montar os estandes e cuidar deles durante cinco meses. Felizmente, o filantropo americano George Peabody, vivendo em Londres na ocasião, entrou em cena e ofereceu 15 mil dólares em fundos de emergência, salvando a delegação norte-americana da crise que ela própria causara. Tudo isso reforçou a convicção mais ou menos universal de que os americanos não passavam de uns caipiras simpáticos, que ainda não estavam prontos para sair pelo mundo sem supervisão.

Assim, causou certa surpresa descobrir, quando os estandes foram montados, que a seção americana era um posto avançado de magia e maravilhas. Quase todas as máquinas faziam coisas que o mundo desejava ardentemente que as máquinas fizessem — arrancar pregos, talhar pedras, moldar velas de cera —, mas com tanta precisão, presteza e incansável confiabilidade que deixavam os outros países atônitos. A máquina de costura de Elias Howe deslumbrava as senhoras, apresentando a promessa impossível de que essa atividade tão trabalhosa da vida doméstica poderia se tornar um passatempo empolgante e divertido. Cyrus McCormick exibiu uma ceifadora capaz de fazer o trabalho de quarenta homens — uma afirmação tão ousada que quase ninguém acreditou, até que a máquina foi levada para uma fazenda nos arredores de Londres e mostrou que realizava tudo o que foi prometido. O mais emocionante era o revólver de repetição de Samuel Colt, não apenas maravilhosamente mortal, mas feito com peças intercambiáveis — um método de fabricação tão especial que ficou conhecido como “sistema americano”. Apenas uma criação britânica estava à altura desse virtuosismo todo, dessa exibição de utilidade, novidade e precisão da era da máquina — o próprio Palácio de Cristal de Paxton, que iria desaparecer quando a exposição terminasse. Para muitos europeus, foi o primeiro sinal preocupante de que aqueles matutos mascadores de tabaco do outro lado do oceano estavam criando, sem alarde, o próximo colosso industrial — uma transformação tão impensável que a maioria não conseguia acreditar, embora já estivesse em pleno andamento.

Mas a atração mais popular da Grande Exposição não era nenhum estande, mas sim as elegantes “salas de descanso”, onde os visitantes podiam aliviar-se confortavelmente — oferecimento aceito com gratidão e entusiasmo por 827 mil pessoas, 11 mil em um único dia. Em 1851 havia uma carência terrível

de banheiros públicos em Londres. No Museu Britânico, até 30 mil visitantes por dia tinham que usar apenas duas latrinas externas. Mas no Palácio de Cristal os banheiros tinham descarga de água, encantando os visitantes a tal ponto que começou a moda de instalar banheiros com descarga em casa — novidade que logo trouxe consequências catastróficas para Londres, como veremos adiante.

A Grande Exposição ofereceu um grande avanço social, além de sanitário — era a primeira vez que pessoas de todas as classes sociais se reuniam no mesmo local e podiam misturar-se em íntima proximidade. Muitos temiam que as pessoas comuns — a plebe ignara, ou “a grande massa dos mal lavados” [“the great unwashed”], como as chamou William M. Thackeray no ano anterior, em seu romance *The history of Pendennis* [A história de Pendennis] — se revelariam indignas dessa confiança e estragariam o prazer dos seus superiores. Poderia até haver sabotagem. A exposição aconteceu, afinal, apenas três anos depois das revoltas populares de 1848, que derrubaram governos em Paris, Berlim, Cracóvia, Budapeste, Viena, Nápoles, Bucareste e Zagreb.

O pior medo era o de que a exposição atrairia os cartistas e seus companheiros de viagem. O cartismo (*chartism*) foi um movimento popular, assim chamado segundo a Carta do Povo de 1837, que buscava uma série de reformas políticas — todas bastante modestas, em retrospecto — desde a supressão dos chamados “burgos podres” e “burgos de bolso”^{*} até a adoção do sufrágio universal masculino. Ao longo de uma década, os cartistas apresentaram uma série de petições ao Parlamento, uma delas com mais de nove quilômetros de comprimento e, pelo que se dizia, assinada por 5,7 milhões de pessoas. O Parlamento ficou impressionado, mas rejeitou todas, para o bem do próprio povo. O sufrágio universal, segundo a opinião geral, era uma ideia perigosa —

^{*} “Burgos podres” eram aqueles em que um membro do Parlamento podia ser eleito por um número reduzido de pessoas, como em Bute, na Escócia, onde apenas um dos 14 mil residentes tinha o direito de votar, e obviamente podia eleger a si mesmo. Os “burgos de bolso” eram distritos eleitorais sem nenhum habitante, mas que conservavam um assento no Parlamento, que poderia ser vendido ou doado (para um filho desempregado, por exemplo) pela pessoa que o controlava. O mais famoso burgo de bolso foi Dunwich, cidade costeira no condado de Suffolk, que outrora fora um grande porto — o terceiro maior da Inglaterra — mas que foi arrastado para o mar durante uma tempestade em 1286. Apesar da sua evidente não existência, foi representado no Parlamento até 1832 por uma sucessão de nulidades privilegiadas.

“totalmente incompatível com a existência da civilização”, como disse Thomas Babington Macaulay, historiador e membro do Parlamento.

Em Londres os acontecimentos chegaram ao auge em 1848, quando os cartistas anunciaram um grande comício em Kennington Common, ao sul do Tâmesa. Temia-se que eles entrassem num frenesi de indignação, marchassem pela ponte de Westminster e tomassem de assalto o Parlamento. Edifícios do governo em toda a cidade foram fortificados e ficaram em prontidão. No Ministério das Relações Exteriores o chanceler lorde Palmerston bloqueou as janelas com volumes encadernados do *Times*. No Museu Britânico postaram-se homens no telhado com um estoque de tijolos para jogar na cabeça de quem tentasse tomar o edifício. Canhões foram colocados na porta do Banco da Inglaterra e funcionários de várias instituições governamentais receberam espadas e antigos mosquetes, de manutenção duvidosa, tão perigosos para os seus usuários quanto para quem se atrevesse a se postar na frente deles. Ficaram de prontidão 170 mil policiais especiais — a maioria homens ricos e seus criados —, sob o comando do duque de Wellington, já senil com seus 82 anos, e totalmente surdo para qualquer coisa que não fosse um grito altissonante.

Na realidade o comício fracassou por vários motivos: o líder dos cartistas, Feargus O'Connor, se comportava de maneira estranha, devido à demência sífilítica, ainda não diagnosticada (pela qual ele seria internado em um hospício no ano seguinte); os participantes em geral não tinham, na verdade, um coração revolucionário e não queriam causar derramamento de sangue; e ainda uma oportuna chuvarada fez com que retirar-se para um pub parecesse, de súbito, uma opção mais atraente do que tomar de assalto o Parlamento. O *Times* concluiu que a “plebe londrina, embora nem heroica, nem poética, nem patriótica, nem esclarecida, nem limpa, é uma entidade relativamente de boa índole”; e essa definição, embora paternalista, era bastante correta.

Apesar desse alívio, os sentimentos em alguns setores continuaram fortes em 1851. Henry Mayhew, em seu influente livro *London labour and the London poor* [O trabalho de Londres e os pobres de Londres], publicado naquele ano, observou que os trabalhadores, “quase unanimemente”, eram “proletários exaltados, que cultivam opiniões violentas”.

Mas ao que parece até mesmo os proletários mais incendiários adoravam a Grande Exposição. Foi aberta em 1º maio de 1851, sem nenhum inci-

dente — “um belo espetáculo, imponente e comovente”, nas palavras da radiante rainha Vitória, que chamou a inauguração de “o dia mais grandioso da nossa história”, e o disse com sinceridade. Vinha gente de todos os cantos do país. Uma mulher chamada Mary Callinack, de 85 anos, ganhou fama ao vir a pé desde a Cornualha, caminhando quase quatrocentos quilômetros. No total, vieram 6 milhões de visitantes nos cinco meses e meio em que a Grande Exposição ficou aberta. Em seu dia mais movimentado, 7 de outubro, entraram quase 110 mil. Em certo momento havia 92 mil almas no edifício ao mesmo tempo — o maior número de pessoas jamais reunido em um local coberto.

Nem todos os visitantes se encantavam. William Morris, futuro designer e esteta, na época com dezessete anos, ficou tão horrorizado com o que considerou falta de gosto e veneração do excesso que saiu do prédio cambaleando para vomitar lá fora. Mas a maioria das pessoas adorava, e quase todos se comportavam bem. Durante todo o tempo que durou a Grande Exposição apenas 25 pessoas foram acusadas de delitos — quinze por bater carteiras e dez por furto. A ausência de crimes foi ainda mais notável do que parece, pois na década de 1850 Hyde Park era notoriamente perigoso, em especial depois do escurecer, quando o risco de roubo era tão grande que surgiu a prática de atravessá-lo apenas em grupo. Graças às multidões, por pouco menos de meio ano o parque se tornou um dos lugares mais seguros de Londres.

A Grande Exposição obteve um lucro de 186 mil libras, suficiente para comprar doze hectares de terra ao sul de Hyde Park, numa área chamada informalmente de Albertópolis. Ali foram construídos os grandes museus e instituições que até hoje dominam a área — o Royal Albert Hall, o Victoria and Albert Museum, o Museu de História Natural, o Royal College of Art, o Royal College of Music, entre outros.

O poderoso Palácio de Cristal de Paxton continuou montado em Hyde Park até o verão de 1852, enquanto se decidia o que fazer com ele. Quase ninguém queria vê-lo desaparecer de vez, mas não havia acordo sobre o que deveria ser feito dele. Uma proposta um tanto exaltada foi convertê-lo em uma torre de vidro de trezentos metros de altura. Finalmente se decidiu transportá-lo para um novo parque, a ser chamado de Parque do Palácio de Cristal, em Sydenham, no sul de Londres. Durante esse processo o novo Palácio de Cristal

cresceu, tornando-se uma vez e meia maior que o edifício original, e empregando o dobro do volume de vidro. Como se assentava agora em uma encosta, reerguê-lo foi um desafio muito maior. Quatro vezes ele desabou. Cerca de 6400 trabalhadores foram necessários para montar o novo edifício, trabalhando mais de dois anos. Dezesete deles ali perderam a vida. Tudo no Palácio de Cristal que antes parecia mágico e abençoado estranhamente se esvaiu, e ele nunca recuperou seu lugar central nos afetos da nação. Em 1936 foi totalmente queimado durante um enorme incêndio.

Dez anos após a Grande Exposição o príncipe Albert morreu, e a grande nave espacial gótica conhecida como Albert Memorial logo foi construída a oeste do local onde antes ficava o Palácio de Cristal, a um custo estorrecedor de 120 mil libras, ou seja, uma vez e meia o custo do próprio Palácio de Cristal. Ali está, até hoje, Albert sentado no trono, sob um enorme dossel dourado. No colo ele segura um livro: o catálogo da Grande Exposição. Não há em Londres estátuas ou monumentos dedicados a Joseph Paxton ou Henry Cole. Tudo que resta do Palácio de Cristal original é um par de grandes portões decorativos de ferro batido, que antes protegiam a bilheteria na entrada do grande salão; agora, despercebidos, marcam um pequeno trecho da divisa entre o Hyde Park e Kensington Gardens.

A época de ouro do clero britânico também terminou abruptamente. A década de 1870 viu o início de uma depressão agrícola brutal, que atingiu os proprietários de terras e todos que dependiam da prosperidade destes. Em seis anos, 100 mil agricultores e trabalhadores rurais abandonaram as terras. Na nossa paróquia a população caiu quase pela metade em quinze anos. Em meados da década de 1880 o valor tributável da paróquia inteira não passava de 1713 libras — apenas cem libras a mais do que havia custado a Thomas Marsham construir sua casa paroquial três décadas antes.

Até o final do século a renda média do clérigo inglês caiu para a metade do que havia sido cinquenta anos antes. Ajustada pelo poder aquisitivo, era uma ninharia ainda mais miserável. Ser pároco no interior deixou de ser uma atraente sinecura. Muitos clérigos já não podiam se dar ao luxo de casar. Aqueles que tinham cérebro e oportunidade levaram seus talentos para outros lugares. Na virada do século, escreve David Cannadine, “as melhores mentes da geração se encontravam fora da Igreja, e não dentro”.

Em 1899 a propriedade da família Marsham foi dividida e vendida, e assim terminou a relação benigna e dominante da família com o condado. Curiosamente, algo inesperado que sucedeu na cozinha foi responsável, em grande parte, pela devastadora depressão agrícola iniciada na década de 1870. Chegaremos a essa história em breve, mas, antes de começar nossa excursão pela casa, seria bom tomar algumas páginas para analisar a questão, que de súbito se torna pertinente, de por que, afinal, as pessoas residem em casas.